
Corridas de cavalos e a transição entre o rural e o urbano em Curitiba (1854-1873)

Horse racing and the transition between rural and urban in Curitiba (1854-1873)

Leonardo Gomes*

<https://orcid.org/0000-0002-8866-2054>

Resumo

O presente artigo tem como objetivo discutir sobre a relação das corridas de cavalos com os debates ligados aos aspectos rurais e urbanos que se situaram em Curitiba entre 1854 e 1873. O recorte temporal considera a data do primeiro anúncio em jornais de iniciativas envolvendo corridas de cavalos, bem como o ano em que um espaço exclusivo para as corridas passou a funcionar em Curitiba. Como fontes foram utilizados jornais, decretos, leis e regulamentos da Província durante o período em tela. Ao final, foi possível considerar que as corridas de cavalos foram indicadores das transformações que a cidade incorporava, especialmente no que diz respeito a dinamização de aspectos urbanos em detrimento de rurais.

Palavras-chave: História da Diversão, História da Cidade, Curitiba, Corridas de Cavalos, Urbanização.

Abstract

This article aims to discuss the relationship between horse racing and debates related to rural and urban aspects that took place in Curitiba between 1854 and 1873. The time frame considers the date of the first advertisement in newspapers of initiatives involving horse racing, as well as the year in which an exclusive space for the races opened in Curitiba. As sources newspapers, decrees, laws and regulations of the Province during the period in question were used. In the end, it was possible to consider that the horse races were indicators of the transformations that the city incorporated, especially with regard to the dynamization of urban aspects to the detriment of rural ones.

Keywords: History of diversion, History of the City, Curitiba, Horse Racing, Urbanization.

*Doutorando em Educação pela UFRJ. E-mail: gomesleo.ufpr@gmail.com

Introdução

As corridas de cavalos estiveram presentes em algumas cidades do Brasil, especialmente no Rio de Janeiro, que, ao que tudo indica, registrou os primeiros momentos da dinâmica no país nas praias de Botafogo, ainda nas primeiras décadas do século XIX¹. Em São Paulo², Campinas³ e Porto Alegre⁴ também foram organizadas corridas de cavalos que guardaram entre si semelhanças, mas também apresentavam suas peculiaridades em muitas ocasiões relacionadas aos discursos de ordem progressistas⁵ que viam tais atividades como úteis para o desenvolvimento das urbes. Contudo, pouco se investigou sobre as experiências equestres de outras cidades brasileiras⁶, tema que pode permitir lançar olhares sobre as diferentes dinâmicas urbanas, bem como a possibilidade de refletir sobre quais discursos essas práticas se estruturaram.

Tendo em conta que as experiências de cada local que as corridas de cavalos se fizeram presente foram distintas, questiona-se: como essa atividade teria se organizado em Curitiba? Cidade que, assim como as citadas anteriormente, nos séculos XIX e XX, passou por intensas transformações vinculadas à circulação de noções progressistas, porém com suas especificidades.

¹ MELO, Victor Andrade. 'We Have Persons with a Passion for Both the Sea and the Land': The First Representations of Sport in the Brazilian Press (Rio de Janeiro; 1851-1855). *The International Journal of the History of Sport*, v. 31, n. 10, 2014, p.1232-1244

² GOIS JÚNIOR, Edivaldo. O esporte e a modernidade em São Paulo: práticas corporais no fim do século XIX e início do XX. *Movimento*, v. 19, n. 4, 2013, p. 95-117

³ MONTENEGRO, Nara Romero; SOARES, Carmen Lúcia. Corridas de cavalos em Campinas: das ruas e dos quilombos ao hipódromo (1870-1898). *Pensar a Prática*, v. 21, n. 2, 2018

⁴ PEREIRA, Ester Liberato; BATAGLION, Giandra Anceski. *Across racecourses meadows of Pelotas-RS: southern horse racing in the transition from the 19th and 20th centuries*. In: A sombra das chuteiras meridionais: QUINSANI, Rafael. Editora: Pfi. 2021. KARLS, Cleber Eduardo. *Modernidades sortidas: o esporte oitocentista em Porto Alegre e no Rio de Janeiro*. Tese de doutorado, História Comparada, Instituto de História, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2017

⁵ Sobre a noção de progresso tem-se como guia as percepções descritas por Azevedo (2016), que caracteriza o que essa expressão significava em solo nacional durante o período estudado. De modo geral, para o autor, o termo representava a tentativa de superar características consideradas ultrapassadas/obsoletas que, de certo modo, comprometiam o desenvolvimento das cidades e de suas populações. Era, portanto, um discurso em prol de tudo que representasse o avançar do urbano e seu estilo de vida. AZEVEDO, André Nunes de. As noções de progresso do Império à República: transformações recônditas em uma mesma terminologia. *Outros Tempos: Pesquisa em Foco-História*, v. 13, n. 22, 2016, p. 69-88.

⁶ Além dos estudos já citados, vale consultar os trabalhos de Sette (1978) que menciona as corridas de cavalos promovidas em Recife e de Rocha Junior e Santos (2011) em Salvador. ROCHA JUNIOR, Coriolano Pereira; ESPÍRITO SANTO, Fernando Reis do. Futebol em Salvador: o início de uma história (1899-1920). *Movimento*, v. 17, n. 3, 2011, p. 79-95. SETTE, Mário. *Arruar, história pitoresca do Recife antigo*. Governo do Estado de Pernambuco, Secretaria de Educação e Cultura, 1978.

O cavalo e seu uso nas corridas, principalmente em espaços específicos para a prática, são elementos visualizados nos trabalhos de Capraro⁷ e de Souza⁸ como contribuintes para a formação da capital paranaense. Moraes e Silva⁹ também aborda a modalidade equestre ao mapear uma série de divertimentos na Curitiba da virada do Século XIX para o XX. A autoria visualiza o espaço em que as corridas eram realizadas como benéfico para a difusão do esporte – uma manifestação social que se espraiava em solo nacional, em sintonia com os discursos de modernização.

Contudo, apesar de os estudos anteriores fornecerem detalhes sobre as corridas de cavalos, e reforçarem nuances da atividade como um esforço ligado ao ideário de avanço da urbanidade em Curitiba, os referidos autores abordaram temporalidades posteriores a da presente pesquisa. Além disso, não focaram especificamente nas potencialidades das experiências junto a esse animal, sobretudo, como dinâmicas que nos possibilita prospectar tais momentos como estratégias que podem evidenciar traços da urbanização em curso.

Tendo em vista essas considerações iniciais, o presente artigo tem como objetivo discutir sobre a relação das corridas de cavalos com os debates ligados aos aspectos rurais e urbanos que se situaram em Curitiba entre 1854 (data do primeiro anúncio em jornal de iniciativas envolvendo cavalos) e 1873 (ano em que um espaço exclusivo para as corridas passou a funcionar na cidade).

Assim sendo, é necessário delimitar nossa compreensão acerca das categorias de rural e urbano. Em síntese, estamos alinhados com a proposta de classificação trabalhada por Rodrigues¹⁰ que sistematiza as definições conceituais de rural e urbano fornecidas pela bibliografia internacional e nacional, propondo uma classificação pensando em três dimensões fundamentais para a distinção e aproximação entre rural e urbano. São elas: demografia,

⁷ CAPRARO, André Mendes. *Foot-ball, uma prática elitista e civilizadora: investigando o ambiente social e esportivo paranaense do início do século XX*. Dissertação de mestrado, História, Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Paraná, 2002.

⁸ SOUZA, Jhonatan Uewerton. *O jogo das tensões: clubes de imigrantes italianos no processo de popularização do futebol em Curitiba (1914-1933)*. Dissertação de mestrado, História, Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Paraná, 2014.

⁹ MORAES E SILVA, Marcelo Moraes. *Novos modos de olhar outras maneiras de se comportar: a emergência do dispositivo esportivo da cidade de Curitiba (1899-1918)*. Tese de doutorado, Educação, Universidade Estadual de Campinas, 2011.

¹⁰ RODRIGUES, João Freire. *O rural e o urbano no Brasil: uma proposta de metodologia de classificação dos municípios*. *Análise Social*, v. 49, n. 211, 2014.

desenvolvimento econômico e modos de vida, aspectos esses que ao longo do texto buscaremos nos aproximar.

Para alcance dos objetivos, como fontes foram utilizados jornais, decretos, leis e regulamentos da Província publicados dentro do respectivo recorte temporal. Quanto ao trato para com as fontes, tomou-se ciência do cuidado e necessidade do questionamento de possíveis parciais nas mediações geradas por esses documentos. Afinal, conforme aponta Le Goff¹¹, tais materiais são instrumentos de poder e, portanto, não são inócuos, mas sim fruto de uma amostragem consciente da sociedade que o produziu.

Sobre os jornais utilizado, se tratam de publicações do Jornal Dezenove de Dezembro. Com um perfil eclético e editorado pelo carioca Candido Martins Lopes, que foi publicamente convidado pelo presidente da Província à época, Zacarias Góis e Vasconcelos para instalar a primeira tipografia de Curitiba. O jornal circulou de 1854 a 1890 e buscava retratar ao máximo os acontecimentos municipais. Conforme Corrêa¹², a constituição de um periódico local representava um marco singular para a jovem capital, pois era nos folhetins que a população letrada ficava informada das situações da cidade, assim como de diversos assuntos do país e do mundo.

Compreende-se que lançar considerações sobre a história da cidade por meio de um indicador de urbanização¹³ como os passatempos públicos, pode ser uma fértil possibilidade para a produção de novos olhares em relação ao papel desempenhado por ações aparentemente fortuitas da vida cotidiana. Trata-se, portanto, de aspirar uma contribuição para a história da cidade em conjunto com a história da diversão.

Os delineados rurais e citadinos de Curitiba: o cenário ideal para um páreo

Curitiba, durante a segunda parcela do século XIX, ao ser estabelecida como capital e a região receber o título de Província em 1853, iniciava um aflorar de sua malha urbana. Uma transição da adesão de aspectos rurais para outros tidos como urbanos se demonstrava impulsionada, sobretudo, pelo domínio da produção e comércio de erva-mate em escalas técnicas industriais.

¹¹ LE GOFF, Jacques. Documento/monumento. In. LE GOFF, J. *História e memória*. 5. ed. Campinas: ed. UNICAMP, 2003.

¹² CORRÊA, Amélia Siegel. Imprensa política e pensamento republicano no Paraná no final do XIX. *Revista de Sociologia e Política*, v. 17, n. 32, 2009.

¹³ Para um amplo debate sobre os divertimentos como indicadores de urbanização ver Dias (2020).

Neste sentido, Pereira¹⁴, afirma que a economia do mate interferiu diretamente na urbanização do Paraná. Segundo o autor, nesse momento de emancipação, as unidades produtivas de mate se davam nos arredores de Curitiba, e, portanto, dependiam do mercado da urbe em formação para suprir quase todas as suas necessidades – característica que proporcionava, de maneira crescente, uma vivência entre o campestre e a cidade.

Havia nesse momento uma relativa persistência e convivência entre o desenvolvimento econômico da produção agrária e a formação do espaço citadino, a ponto de se poder considerar um certo ajuste e hibridismo¹⁵ de experiências e representações que vão incidir diretamente em necessidades/ajustes sobre os modos de vida cotidiano. Os anseios da população – com ênfase nas melhorias de infraestrutura da cidade – foram publicados logo nas primeiras edições do Dezenove de Dezembro:

A largura das ruas, que não deve ser menos de 7 a 8 braças, a uniformidade da extensão dos quarteirões, certas condições de arquitetura nas casas, que ponham um freio ao mau gosto e à péssima rotina de construções aleijadas, e um sistema de esgoto das águas para evitar-se a monstruosa quantidade de lama que entulham as ruas depois de qualquer chuva: tudo isso merece séria atenção da nossa municipalidade. Não temos ainda iluminação, as calçadas são horríveis: ninguém se atreve a sair à noite a passeio, porque tem medo de cair em algum barranco, ou ir abraçar-se aos chavelhos de algum boi¹⁶.

Com a chegada do governo provincial, dos folhetins e com o avançar da produção do mate, os anseios em relação às necessidades de melhorias para a cidade se amplificaram. Dessa forma, no jornal local se passou a veicular temas ligados a pavimentação de ruas, sistema de esgoto, iluminação e a construção de edificações. Há que se considerar que essas melhorias materiais vistas como úteis para o desenvolvimento de Curitiba, conforme reforça a fonte acima, ainda eram elementos pouco ou nada presentes na jovem cidade, se contrastando com uma realidade de ruas esburacadas, animais nas vias e outras características que geravam, inclusive, certos incômodos na população.

¹⁴ Pereira, op. cit.

¹⁵ Alguns estudiosos que abordaram o rural e urbano, inclusive, já discutiram sobre esse hibridismo entre as categorias em muitas localidades do Brasil. Ver ROCHA, Fernando Goulart; PIZZOLATTI, Roland Luiz. “Cidade: espaço de descontinuidades”. *Estudos Geográficos*, 2005, p. 46-53.

¹⁶ Dezenove de dezembro, 29/04/1854, p. 3-4.

Se refletirmos, considerando os apontamentos de Rodrigues¹⁷, a respeito das classificações de rural e urbano, o modo de vida é um ponto central de análise. No caso curitibano, podemos ponderar que os aspectos vistos pela população como necessários para a vida social na cidade e, em contrapartida, outros tidos como dificultadores, podem ser bons indicativos desse trânsito e/ou hibridez entre o rural e o urbano que a jovem capital do Paraná atravessava. Além disso, se pensarmos que a principal forma de desenvolvimento econômico da região era a produção de mate, podemos melhor perceber o quanto o avançar do urbano estava profundamente vinculado com as necessidades e prosperidade do rural.

Para sanar principalmente as características rurais da estrutura da cidade e dos costumes da população, algumas medidas legais com intuito de evitar possíveis contratemplos foram formuladas, conforme ilustra os artigos municipais abaixo.

Art. 7º Fica proibida a criação e conservação de porcos soltos pelas ruas da villa, e os que forem encontrados serão mortos e entregues á seus donos, que pagarão a despeza da matança, e não apparecendo o dono serão arrematados e o producto recolhido ao cofre da municipalidade.

Art. 9º Os que tiverem cães, quer de caça quer de guarda, á excepção dos perdigueiros e dogues, sem que andem açaimados, de modo que não possam fazer damno ás pessoas que transitão, soffrerão a multa de 8U000 rs. Os cães sem dono, serão mortos e enterrados á custa da camara. Art. 7º e 9º¹⁸.

A mais nova província ambicionava a implementação de uma série de normas. Parâmetros que almejavam a urbanização das ruas se contrastavam com medidas para refinar costumes ainda ligados ao campo, como a presença e criação de animais em espaço público. Conforme investiga Lopes¹⁹, em Curitiba o ideário de urbanização estava próximo de ser um conjunto de ações e pensamentos que perspectivavam uma dinâmica social voltada a atualização/renovação da cidade e dos costumes de sua população. Neste sentido, a alteração do espaço urbano deveria ser acompanhada por uma remodelação dos hábitos dos sujeitos.

¹⁷ Rodrigues, op. cit.

¹⁸ Coleção de leis, decretos e regulamentos da Província, 22-04/1856, p. 17.

¹⁹ LOPES, Luís Fernando Lopes. *O espetáculo dos maquinismos modernos: Curitiba na virada do século XIX ao XX*. Tese de doutorado, Programa de pós-graduação em História, Universidade de São Paulo, 2002.

Mesmo o cavalo sendo muito presente no cotidiano brasileiro do século XIX, apresentando importância cotidiana, econômica e simbólica²⁰ o animal não escapou de regramentos necessários diante do convívio urbano que se estabelecia. O hábito de galopar, conforme afirma Pereira²¹, era uma autêntica paixão dos paranaenses, e passou a ser controlado e fiscalizado durante a cena pública:

Art. 36. É proibido a qualquer pessoa galopar ou correr a cavalo pelas ruas da povoação sem que seja com reconhecida precisão. Os contraventores, sofrerão a multa de 2 a 4\$000, e o duplo na reincidência. Na disposição deste artigo ficam compreendidos os filhos famílias, agregados e escravos²².

Além do simples ato de andar a cavalo, o formato de diversão por meio de corridas também passou ser legalmente fiscalizado. O art. 15 de 1854 presente nos regulamentos da província mostram as medidas criadas:

Art. 15. E' permittido a corrida de cavallos somente nas povoações com autorização da policia, mediante o previo pagamento de 16U000 ou seja a aposta verbal ou por escripto, e quando a aposta exceder a 150U000 se pagará mais pela licença 14U000. O Contraventor pagará o duplo, não cumprindo literalmente o preceito supra. Parte official – Governo da Provincia. Licenças para apostas²³.

A utilização do cavalo da forma que vinha sendo realizada, seja para o galope ou corridas, representava uma certa ruralidade a ser combatida – isso fica latente ao notarmos os ordenamentos legais para a sua normalização, solicitando que a sua realização fosse em locais autorizados e restrita para aqueles que possuíssem licenças. Ao que aparenta, a presença dos equinos nas ruas era mais uma dificuldade para o passeio dos pedestres, e seu uso para passatempos correspondia a uma tradição do homem do campo que não condizia com os parâmetros civilizatórios que se estimulavam na época.

²⁰DEL PRIORE, Mary. *Jogos de cavalheiros: as atividades físicas antes da chegada do esporte*. História do esporte no Brasil: do império aos dias atuais. São Paulo: UNESP, 2009.

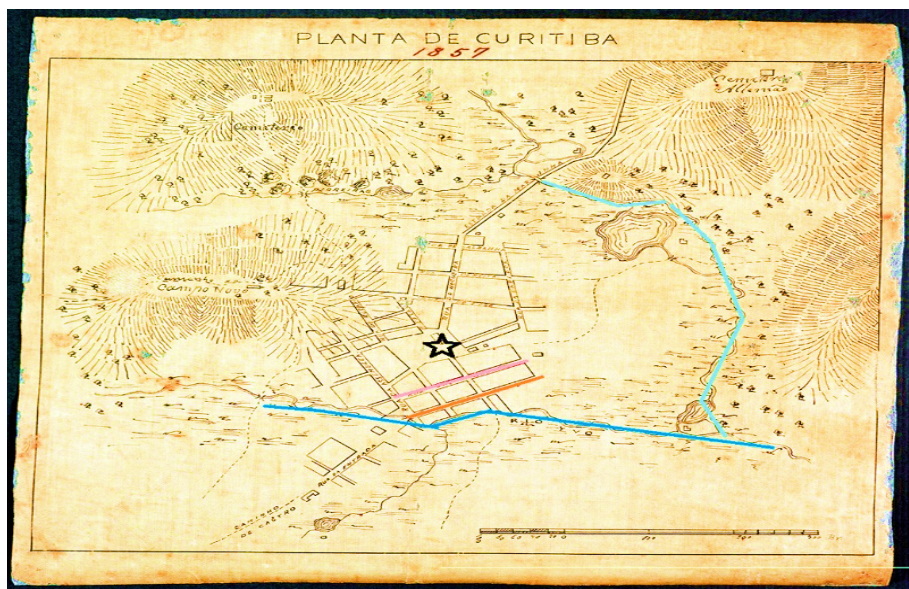
²¹PEREIRA, Magnus Roberto de Mello. O centauro desfeito. A desconstrução da cultura gaúcha no Paraná do século XIX. *Jahrbuch für Geschichte Lateinamerikas-Anuario de Historia de America Latina*, v. 36, n. 1, 1999, p. 197-218.

²²Coleção de leis, decretos e regulamentos da Província, 18/04/1854, p. 11.

²³Dezenove de dezembro, 11/11/1854, p.1.

Todavia, apesar de certos desejos de crescimento e iniciativas de fiscalização de posturas, a capital paranaense em seus primeiros anos de emancipação pouco avançou em seu quadro citadino. Existiam poucas ruas, algumas casas, um comércio diminuto e um embrionário mercado de entretenimento. Alguns desses aspectos podem ser visíveis na planta da cidade a seguir:

Figura 1 - Planta de Curitiba, 1857.



Fonte: Prefeitura de Curitiba (Acervo Casa da Memória).

Em rosa-claro está demarcado a Rua das Flores, principal *lócus* de aspectos modernos da cidade naquele momento (atual rua XV de novembro). Neste logradouro havia pavimentação e era onde se localizava o jornal *Dezenove de Dezembro*.

A figura em preto representa a praça da igreja matriz atual Praça Tiradentes. O traço laranja corresponde a antiga Rua do Comercio (atual Marechal Deodoro), que conforme seu nome explicita, fornecia comércios variados ao público consumidor.

Em azul-escuro temos o Rio Ivo e em azul-claro o Rio Belém.

Na figura é possível verificar um espaço relativamente reduzido no que diz respeito a urbanização. Com menos de 12 vias, apesar de Curitiba já ter 4 anos como capital da província do Paraná, a cidade ainda era discreta e tipicamente colonial. Em 1854 apresentava, segundo o relatório²⁴ do presiden-

²⁴ Ver Relatório do Presidente da Provincia Zacarias de Góes e Vasconcellos, 15/06/1854, p. 145.

te da província do mesmo ano, uma população de cerca de 6.213 habitantes livres e 578 escravos.

Não conseguimos detectar com exatidão quanto da população detinha nesse momento funções ligadas a agricultura e/ou a atividades vinculadas a profissões ofertadas na cidade. De todo modo, conseguimos outras informações demográficas. Entre os sujeitos livres, 1.275 tinham direito de votar²⁵ e, assim, escolher indivíduos para os cargos políticos. Desses, 1.089 declaravam sua profissão como lavrador ou outras funções ligadas ao trabalho campesino. O restante dos votantes registrou que empregavam seu tempo a compromissos ligados ao diminuto mercado de trabalho que a cidade ofertava, tais como os empregos de escrivão, inspetor, cargos militares, médicos, carpinteiros entre outros serviços comuns da esfera urbana. Esses números demográficos de Curitiba podem explicitar o quanto o desenvolvimento da cidade estava imbricado com as expressões do campo, evidenciando numericamente a representatividade que as atividades campestres tinham. Neste mesmo período (1857) a cidade passaria pela sua primeira tentativa urbanística mais intensa, planejada pelo engenheiro francês Pierre Taulois. O engenheiro sugeriria mudanças na conformação circular da urbe e a desapropriação de espaços no centro para a formação de um traçado urbano com ângulos mais retos.

Aos poucos, impulsionada pelos lucros da produção agrícola do mate e com a chegada de sujeitos designados para forjá-la, a cidade ganharia novas ruas e um formato espacial retangular que melhoraria sua malha urbana, trazendo efetivamente para as ruas curitibanas a emergência dos primeiros edifícios, teatros, clubes e escolas. Estas modificações são presentes em relato do viajante alemão Robert Christian Avé-Lallemant em 1858:

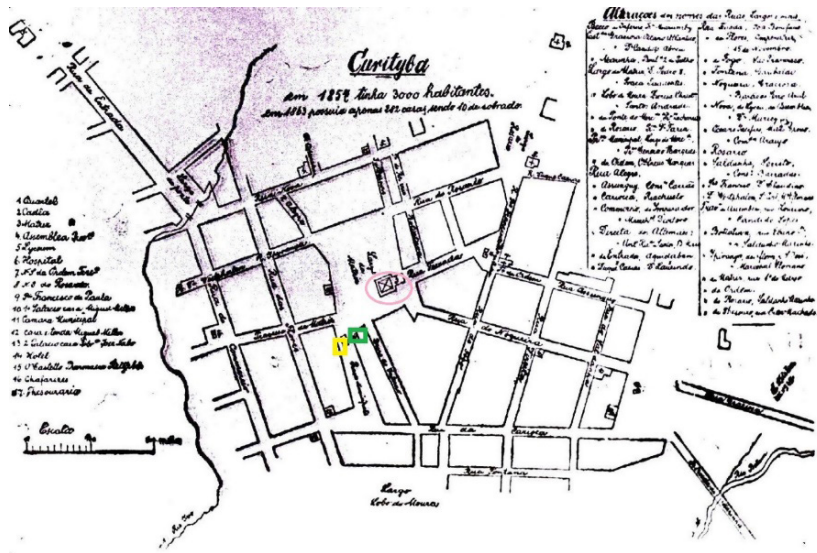
Chegara eu à cidade capital de Curitiba. Por isso talvez é que me surpreendeu muito agradavelmente a cidade de uns 5.000 habitantes. Naturalmente nela nada se encontra de grande ou grandioso. Em tudo, nas ruas e casas e mesmo nos homens se reconhece uma dupla natureza. Uma é a da velha Curitiba, quando ainda não era a capital de uma Província, mas um modesto lugar central, a quinta comarca de São Paulo. Aí se vêem ruas não calçadas, casas de madeira e toda a espécie de desmazelo, cantos sujos e praças desordenadas, ao lado das quais há muita coisa em ruínas e não se pode deixar de reconhecer evidente decadência e atraso. Na segunda natureza, ao contrário, expressa-se

²⁵ Para mais informações sobre quem tinha direito de votar em Curitiba nesse período, sugerimos ver Cardoso (1974). CARDOSO, Jayme Antonio. *A população votante de Curitiba (1853-1881)*. Dissertação de mestrado, História, Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Paraná, 1974.

decisiva regeneração, embora não apareça nenhum grandioso estilo Renascença. Desde a chegada do Presidente e do pessoal administrativo, Curitiba tem o seu palácio. Naturalmente é um simples rés-do-chão e tem aparência despretensiosa, modesta, mas é bonito e asseado. Para a força militar foi construído um quartel general que é visto de longe e produz um belo efeito. Edificou-se uma cadeia. (...) Além disso, foram construídos a Câmara de Deputados provincial, o Tesouro e muitas coisas; em resumo, Curitiba, a velha vila enfezada, marcha com energia para um novo desenvolvimento²⁶.

A passagem acima demonstra um momento de transição de Curitiba que passava, ainda que lentamente, de um quadro infraestrutural com certos aspectos ligados ao campo para outro vinculado ao urbano. A cidade começava a fervilhar acontecimentos, notadamente marcados pelo ideário citadino. Construiu-se em 1858 o quartel militar, a Câmara de deputados, a cadeia, hotéis, hospitais, chafarizes e tesourarias, conforme indica a planta abaixo:

Figura 2 - Planta de Curitiba. 1863.



Fonte: Acervo do Portal JWS, disponível em: <https:jws.com.br>

Em rosa-claro se localizava o largo da matriz e a sua igreja. Em amarelo o quartel e em verde a cadeia.

²⁶ AVÉ-LALLEMANT, 1858, p. 273. AVÉ-LALLEMANT, Robert. *Viagens pelas províncias de Santa Catarina*. Paraná e São Paulo, 1858.

Observa-se, assim, uma Curitiba em 1863 levemente mais retificada e com mais ruas se compararmos com a planta de 1857, além da presença de inéditas estruturas como o quartel e de 10 casas do tipo sobrado, que acabam evidenciando tentativas de formular ambientes comuns e outros necessários para a vida urbana. Dez anos depois da instalação da província, a região, sobretudo a central, começou a se definir. Conforme os levantamentos demográficos de Martins²⁷, somente na região da Praça da Matriz já se faziam presentes 43 casas do tipo sobrado.

Com a estruturação de novas instituições, a perseguição a certos costumes não condizentes com o cenário que se estabelecia fez-se ainda mais presente. Jogos de azar envolvendo dinheiro (aqueles que os sujeitos dependessem exclusivamente da sorte para ganhar) como os de baralho e dados, por exemplo, foram proibidos, pois representavam uma afronta a moralidade²⁸. Nos jornais, as corridas de cavalos também estavam sendo moderadas:

Art: 7ª Não é permittida a corrida de cavallos se não nas raias da povoação, com licença da autoridade policial, mediante o pagamento de 10\$000, qualquer que seja a quantia da aposta. Os contraventores, alem do imposto pagarão multa de 3\$000²⁹.

As medidas se caracterizavam como estratégias disciplinares de interferência no cotidiano. Elas, de certa maneira, determinavam hábitos e conformavam comportamentos desejáveis nos sujeitos. Sobre preço da taxa cobrada para fomentar as corridas estipulada no decreto, não era um valor exorbitante, principalmente para uma classe agrícola ascendente. Basicamente era um custo³⁰ similar ao de uma assinatura anual do *Jornal Dezenove de Dezembro*, que custava 8\$000³¹. Aqueles que pudessem pagar pela anuidade de um folheto tinham condições de se arriscar nas corridas. Há que se pensar também que, ainda assim, a tarifa cobrada representava uma tentativa, mesmo que inicial, de fiscalizar a prática e provavelmente afastar os menos abastados.

O presidente provincial, Zacarias de Góis e Vasconcelos, em um dos seus relatórios sobre o desenvolvimento do Paraná, explicita suas impressões a

²⁷ MARTINS, Romário. *História do Paraná*. Prefeitura Municipal de Curitiba, 1995.

²⁸ Coleção de leis, decretos e regulamentos da província, 17/03/1858, p. 18-19.

²⁹ Dezenove de dezembro, 22/04/1858 p.1.

³⁰ O preço para entrar em um outro divertimento comum no período, os bailes, custavam 1\$000. Os camarotes desse mesmo passatempo custavam 5\$000. Em comparação um queijo produzido por comerciantes locais valia 3\$000. Um indicativo de que o valor das taxas para as corridas não eram cifras distantes de produtos do dia a dia. Ver, Dezenove de Dezembro, 01/04/1857, p. 4.

³¹ Dezenove de dezembro, 01/04/1854, p. 1.

respeito das corridas de cavalos realizadas na região, trazendo mais detalhes sobre o passatempo naquele período:

Hum meio há, grandemente eficaz, de estimular e promover melhoramentos nesse ramo de industria, em os paizes que lhe dão devida importância: refirome aos hippodromos, ou praças destinadas às corridas e exercícios à cavallo. As corridas de que mostram-se tão apaixonadas os filhos desta província serão hum útil arremedo dos hippodromos, se deixando de ser hum puro jogo como presentemente são, tivessem diversa direção e se realissem debaixo de outras vistas. O que são as corridas presentemente? Huma occasião de apostas e rixas, e malquerenças entre o povo, e nada mais³².

Os relatos do comandante fornecem indicativos de que o divertimento ainda dispunha de pouca infraestrutura, e da maneira como estava sendo realizado era sinal de atraso, desordem e imoralidade, um verdadeiro símbolo de um tradicionalismo arcaico que deveria ser deixado no passado. Contudo, o político percebe que caso a prática tomasse outros rumos, um futuro promissor ainda poderia ser avistado. Na visão do governante, caso as corridas de cavalos aderissem a uma linha próxima do que vinha ocorrendo em outros países a prática poderiam ser vista de outra maneira. As corridas promovidas na cidade deveriam se espelhar naquelas cujas práticas já melhores se estruturavam, sobretudo dentro de características institucionalizadas próximas de uma lógica constituída de regras, infraestrutura, prêmios e códigos de honra. Assim, a diversão poderia se tornar um bem útil para a prosperidade da cidade e dos costumes de sua população.

Talvez fosse esse possível potencial progressista presente nas corridas de cavalos avistados em outras localidades, junto da relação de apreço da população pelo animal, um dos principais elementos que sustentavam a presença da dinâmica na urbe em meio as mazelas observadas pelo governante. Além disso, vale também cogitarmos uma possível flexibilidade do discurso, visto que ao ocupar um cargo político tentava conciliar tanto os discursos em prol da prática, quanto os que eram contra. Carneiro³³ aponta que essa foi uma das características que marcaram a trajetória administrativa de Góis e Vasconcelos na região: um verdadeiro apaziguador.

³² GÓIS E VASCONCELOS, Zacarias. Relatório. *Presidente da Provincia do Paraná*. Curitiba, 1854, p. 145.

³³ CARNEIRO, Newton Issac da Silva. *A arte paranaense antes de Andersen*. Boletim Informativo da Casa Romário Martins, 1980.

Nesta esteira, podemos encontrar debates por meio de crônicas publicadas no Dezenove de Dezembro, retratando as corridas de cavalos como um elemento útil ou não para os centros urbanos:

As carreiras são o mais poderoso incentivo para o aperfeiçoamento do cavallo, que por tantos modos se tem tornado indispensavel, como auxiliar do trabalho do sólo, como motor de transporte e defesa do paiz..

E' tal o gosto de aristocracia europêa por semelhante assumpto, que floresce com fausto, em paris, a celebre sociedade cosmopolita do *Jockey Club*, cujo principal escôpo é o aperfeiçoamento do cavallo em todo o mundo.

As corridas do *Prado Fluminense* no Rio de Janeiro, não pode ignorar o ilustrado redactor do *correr da penna*, que erão honradas pela presença de nosso soberano e gosavão de seu especial favor. J³⁴.

O sujeito que assinou a redação como J., demonstra certa compreensão sobre o forjar de um comércio haras mundial. Afinal, detecta o desenvolvimento de um mercado de entretenimento equestre e os benefícios do aperfeiçoamento da raça cavalar em diversificadas localidades mundiais, sobretudo em locais onde o avançar de processos modernizadores estavam mais solidificados. Esses elementos, para o redator, poderiam e deveriam ser implementados em Curitiba, já que esta pretendia se tornar uma cidade que seguia modelos estabelecidos em grandes centros. Portanto, a presença do cavalo se tornava de extrema importância para o avançar da urbe. Em linhas seguintes o mesmo cronista tensiona um debate em resposta as considerações do presidente Zacarias de Góis e Vasconcelos a respeito das corridas:

As carreiras, pois, em presença de tão illustres exemplos, não podem ser tidas como um divertimento bárbaro; e dirigidas como inculca o sr. Conselheiro Zacarias em seu primeiro e brilhantíssimo relatório á assembléa legislativa desta provincia, devem ser efficaz estímulo para o progresso de uma importantissima, ainda que muito atrasada, indústria de nossa terra J³⁵.

Para o redator as carreiras não eram um divertimento bárbaro como foi, em partes, observado pelo governante do Paraná. Em sua visão, desde que formuladas de maneira melhor estruturada, poderiam ser um útil fim para o

³⁴ Dezenove de dezembro, 18/06/1856, p.1-2.

³⁵ Dezenove de dezembro, 18/06/1856, p.1-2.

desenvolvimento da região. Na semana seguinte, em uma nova crônica, outro redator também explana suas percepções a respeito dos entretenimentos com cavalos em Curitiba:

Não respeitavel, collega, as *carreiras*, ahi feitas em qualquer planice, e corridas por quaisquer ginêtes (activo e passivo) ; espectáculo para toda a casta de espectadôres, que arriscão [sic], em apostas sujeitas aos suppóstos azares da incerta victoria, esta o aquella parte de sua fortuna, ou da alheia, não são os regularizados exercicios equestres da europa antiga e moderna, nem esse lindo divertimento do Prado Fluminense. As *carreiras*, táes quaes se usão na nossa provincia, nem para exercicio de equitação se fazem; As *carreiras*, como se fazem, não servem para esse incentivo que tinha em vista o snr. Zacarias, alías pretendendo que se *regularizassem*³⁶.

Os discursos acima refletem características não apenas das corridas, mas também de Curitiba. Evidencia aspectos de um processo de transição da cidade e seu cotidiano, que caminhavam para a estruturação de uma série de atributos, sejam eles infraestrutural ou gestual. Os eventos equestres ainda eram realizados nos arrabaldes da urbe, providos de pouca organização e com fiscalização simplória. Em decorrência disso, eram cercados de aspectos moralmente duvidosos, como as apostas envolvendo dinheiro e violência. Além disso, não havia valores de taxa para entrada – o que possibilitava a presença de sujeitos com as mais variadas intenções. Contudo, ao mesmo tempo, devemos lembrar que os discursos nos jornais reforçam o potencial de melhor conformação do divertimento, especialmente notando-o como um estímulo útil na difusão de um comércio haras na região, bem como de modelos de comportamentos avistados em outras cidades em que as ideias de urbanização estavam mais avançadas. O cronista seguiu a redação detectando novos pontos:

Nas grandes cidades, onde se pode ostentar luxo em cavalgadura, e vehiculos de conducção, também são preferíveis os mais formosos. Mas cavallos sómente para ganharem apóstas em *carreiras*, serão esses mesmo de que precisamos? As *carreiras* produzem-nos males reaes. Dão Lugar á desmoralisação publica, em grande escala. Nós temos sido victima de pequenos furtos,

³⁶Dezenove de dezembro, 25/06/1856, p. 1-2.

ocasionados pelo desejo de se ter qualquer valor para objecto de apósta³⁷.

Compreende-se que a visão de certa forma idealista das primeiras crônicas em torno das dinâmicas, eram um desejo buscado, porém, ainda era um cenário distante da realidade que estava galopando lentamente. Curitiba, neste momento, sequer apresentava uma estrutura específica para as atividades equestres, como já era avistada na capital do país (Rio de Janeiro) e em outros centros europeus, tampouco existiam cavalos com as melhorias genéticas desejadas, como bem detecta as ponderações do cronista acima. Traços esses que demonstram que o passatempo se encontrava em processo de amadurecimento, localizado numa capital que também buscava fortalecer linhas mais sólidas de sua urbanização.

O debate não cessou. Ao explanarem um certo atraso das corridas e da qualidade dos cavalos, uma réplica de outro escritor, ainda nas mesmas páginas do periódico, dizia:

fação-se [sic] estatutos; nomeim-se juizes das apóstas nas *carreiras* para se evitarem as fraudes; marquem-se penas para os que as commetterem; estabeleção-se prémios para os vencedores; corraõ todas as classes da sociedade por sua vez (se o quizerem); não se admitta a entrada nos parallelos – grammos (se os preferis aos circos), se não aos que teem alguma renda licita, da qual possão tirar com que paguem uma contribuição de entrada, para lucro da associação, se para este fim applicarem-o; faça-se também consistir a galhardia e vantagens do corredor em apresentar o mais bonito cavallo; em montar melhor; que então se chegará a conseguir essas vantagens, que motivarão na Europa a creação dos *harahs*, de que falou o snr. J³⁸.

Com argumentos de certa maneira moralizadores, o referido sujeito acaba fornecendo noções para sanar os debates em voga a respeito das baixas qualidades das corridas e dos animais da região. Para o redator anônimo precisavam ser efetivadas medidas burocráticas, institucionalizadas e educativas para tentar manter a ordem dos eventos equestres. Deveriam existir juízes para fiscalizar as provas e as apostas, a fim de evitar possíveis fraudes. As regras tinham de ser pré-definidas, assim como a entrada dos sujeitos – sejam praticantes, proprietários ou espectadores – deveriam ser cobradas para

³⁷ Dezenove de dezembro, 25/06/1856, p. 1-2.

³⁸ Dezenove de dezembro, 25/06/1856, p. 1-2.

controlar a dinâmica e fomentar melhorias ao ambiente onde essas atividades seriam realizadas, fortalecendo uma harmonia das corridas diante dos padrões da vida cotidiana que se estabelecia.

Além disso, o estímulo aos criadores dos cavalos foi salientado nas publicações – essas personas também deviam ganhar prêmios, incentivando-os a cuidarem e melhorarem ainda mais a qualidade dos animais e, assim, possivelmente fomentar um mercado haras na região. Apesar de nenhum desses elementos ainda serem vigentes nas corridas em Curitiba, destaca-se que boa parte destes parâmetros sinalizados pelo autor anônimo eram semelhantes às experiências realizadas no Rio de Janeiro e na Europa³⁹. Visualiza-se, dessa maneira, uma provável sintonia e proximidade do escritor com os padrões ocorridos em outras cidades, onde a prática estava melhor estruturada e inclusive era encarada como um útil meio para o modelamento urbano.

As argumentações sobre a necessidade de melhoria dos cavalos, da fiscalização e civilidade das corridas continuaram sendo pauta de discursos. A seguir veremos como a prática acompanhou os processos debatidos como fundamentais para a sua manutenção na urbe.

Corridas de cavalos, medidas burocráticas e fiscais numa Curitiba que se urbanizava

Como visto anteriormente, os discursos em prol da organização as corridas de cavalos curitibanos debatidos na imprensa local girava em torno da imposição de regras para uma melhor organização do divertimento. Além disso, se fazia presente nas narrativas a demanda por códigos de conduta para aqueles que frequentavam as corridas, para assim preservar, de certa forma, a moralidade desse costume e torná-lo passível de apreço na vida urbana que se instaurava. Um ensaio jornalístico, explicita uma série de medidas vistas como úteis para a melhoria das raças dos cavalos, do cuidado com o animal e da forma correta de guiá-lo:

Os potros que se quer tratar de estrebaria, devem ficar presos desde que se desmamam; convem todavia solt-los ao menos uma vez por dia. Prendem-se para habitual-os á manjedoura, e para não se ferirem com qualquer objecto, como é natural attendedo á vivacidade própria da idade; e convem deixal-os em liberdade durante algum tempo, porque o exercicio lhes é muito

³⁹MELO, Victor Andrade de. *Cidade “sportiva”: primórdios do esporte no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará/Faperj, 2001.

necessario. Em quanto porem nao tiverem adquirido um certo grão de força, deve-se evitar que se fatiguem dando grandes carreiras, ou obrigando-os a ir pastar a longa distancia. A educação do potro não consiste somente em evitar tudo quanto possa ser nocivo ao seu desenvolvimento physico; é necessario também que ele não adquira hábitos viciosos. Deve impedir-se que os rapazes o excitem por gritos e gestos, ou que o atormentem de qualquer maneira; deve-se igualmente impedir que os cães o persigam, e que alguém o sobrecarregue com pesos de qualquer natureza que seja⁴⁰.

O autor do ensaio era Frederico Leopoldo Cezar Burlarmaque, piauiense de nascimento que, mais tarde, ganharia notoriedade na capital Rio de Janeiro como chefe do museu nacional. Com ampla experiência em biologia, o sujeito descreve uma série de indicadores da maneira mais correta de criar o cavalo e desenvolver sua equitação. A respeito do ensino da arte de montar, Burlarmaque propunha exercícios:

A arte de ensinar um cavallo consiste em fazer-lhe com que apreender o que o homem lhe ordena, e em tornal-o obediente aos seus mandado.

1º LIÇÃO – *Exercio a guia.*

Passa-se um bridão na boca do cavallo, e um cabresto por cima, ao qual se liga uma longa corda ou *guia*. O Cavallo se exercita em circulo, em torno do peão que serve de centro. Este exercicio se faz em um picadeiro, ou em planice.

As primeiras lições devem ser muito curtas, devem tornar-se mais duradouras á medida que o cavallo vae entendendo o que delle exige. O cavallo não faz tudo ou porque não comprehende, ou porque não póde; em um e outro caso o castigo nada pode ensinar lhe. Logo que o cavallo começa a comprehender o que se lhe ensina, ponha-se-lhe a sella, depois um bridão simples, seguidamente um bridão dobrado, e finalmente a brode armada com um freio delgado⁴¹.

Observa-se que Frederico Burlarmaque⁴² apresentava uma espécie de compêndio dos assuntos equinos, abordando lições que caracterizam

⁴⁰ Dezenove de dezembro, 28/11/1857, p. 3.

⁴¹ Dezenove de dezembro, 28/11/1857, p. 3.

⁴² Figueiroa descreve o piauiense como um dos mais notáveis naturalistas dos tempos do império, seu vasto conhecimento de ciências naturais pode ter sido um dos motivos dos estudos acerca das causas cavalares. FIGUEIROA, Silvia Fernanda de Mendonça. Ciência e tecnologia no Brasil Imperial Guilherme Schüch, Barão de Capanema (1824-1908). *Varia história*, v. 21, 2005, p. 437-455.

exercícios de guia e doma. Um sinal de que a arte da equitação e do cuidado com o cavalo era pauta de estudos em solo brasileiro. Outro ponto, é que se levamos em conta que o jornal *Dezenove de Dezembro*, conforme enfatiza Pezzole⁴³, estava em sintonia com os ideários progressistas ambicionados em Curitiba, este é um possível motivo para a publicação de critérios e debates para melhorar a criação de equinos. Afinal, desse modo, o periódico estimulava discursos sobre os benefícios de um comércio haras na região que elevaria, conseqüentemente, a melhoria das experiências com as corridas de cavalos.

As corridas de cavalos continuaram sendo notícias nos jornais na mesma década e seguiam sendo passíveis de fiscalização, principalmente para não serem realizadas na cidade.

E' permitido a corrida de cavallos unicamente nos suburbios da povoação, uma vez que para isso tenha precedido licença da policia, a quem se mostrará previamente haver-se pago a quantia de 20\$ rs. De imposição municipal pelas licenças. Os contraven-tores, alem daquela imposição, soffrerão 8\$ rs. De multa, e nas reincidências soffrerão mais vinte dias de prisão⁴⁴.

Como indicamos em páginas anteriores e, conforme sinaliza Santos⁴⁵, neste momento um discurso em prol da consolidação da vida urbana sobre a vida e costumes do campo estava se fortalecendo em Curitiba. Para o bem do controle urbanístico, a necessidade de disciplinar certas formas de sociabilidade e costume era eminente, ainda que promovessem alterações de tradições, costumes e maneiras de a população interagir com os espaços e tempos. Portanto, certos hábitos deveriam ser fiscalizados para serem realizados ou, caso não ocorressem conforme os ditames, deveriam ser extirpados – as corridas de cavalos, nesse cenário, eram um exemplo que apresentava essas tensões.

À medida que Curitiba crescia, formando-se novas estradas, pontes, mercados públicos, paços municipais e ruas pavimentadas, uma caça aos comportamentos ligados ao campestre era ainda mais evidente. Esses gestos representavam o “antigo” sujeito tropeiro rústico, trazendo a representação do meio rural para a urbe, e indo, portanto, na contramão dos anseios urbanos que estavam caminhando rumo a uma melhor estruturação. Nessa esteira, as

⁴³ PEZZOLE, Dino Ricardo. *Jornal Dezenove de Dezembro*. Monografia, Graduação em Design, Universidade Tuiuti do Paraná, 2006.

⁴⁴ *Dezenove de dezembro*, 07/04/1858, p.1.

⁴⁵ SANTOS, Carlos Roberto Antunes. *Vida material e econômica*. Curitiba: SEED, 2001.

corridas de cavalos, da forma como eram feitas figuravam uma representação de um modo de vida que simbolizava o rural, o campestre, o agrário e que deveriam ganhar novos adereços a fim de se estabelecer como um elemento eminentemente urbano caso desejasse permanecer no ceio da cidade. Nesse período, podemos dizer que a prática ainda era composta por um hibridismo de elementos em maior parte rural do que urbano.

Tendo isso em conta, é necessário pensarmos que a prosperidade da estrutura da capital paranaense devia ser acompanhada pelo refinamento dos gestos, isto é, não bastava ter ruas pavimentadas, edificações e outros elementos usuais em centros urbanos. Era fundamental avançar também nas maneiras de se portar, agir e usufruir desse estilo de vida que se conformava – aspectos esses que ficam claros em alguns artigos que a câmara municipal de Curitiba promovia:

Art. 16. São os proprietários obrigados a calçar as frentes de suas propriedades na largura de dez palmos [2,2m] nas ruas e largos, e oito [1,76m] nas travessas e becos, dentro do prazo que lhes for marcado pelo fiscal, que nunca será menor de seis meses e maior de doze, seguindo-se no calçamento o nivelamento que, em vista do plano do engenheiro, for determinado pelo fiscal: os contraventores multa de 20\$000, e ser a obra feita a sua custa, por encarregados da Câmara⁴⁶.

Art. 81. Apresentar-se alguém em lugar público vestido indecentemente, ou de qualquer forma que ofenda à moral e bons costumes; penas de 4\$ a 10\$000 e de 1 a 3 dias de prisão. Art. 83. Toda a pessoa que em lugar público injuriar a outrem com palavras infamantes, ou indecentes, ou gestos de mesma natureza, pena de 20\$000 e posto em custódia à ordem do fiscal, até o pagamento da multa, e não tendo com o que pagar, sofrerá 8 dias de prisão⁴⁷.

Casas e ruas modernas em justaposição com as posturas civilizadas, eram as principais ambições de uma Curitiba que desejava o progresso. Pereira⁴⁸ evidencia detalhes desta relação entre a emergência de construções e a necessidade da educação dos gestos em virtude desses avanços. Ao exemplificar como a edificação de um meio-fio impactou nas dinâmicas sociais dos habitantes da capital paranaense, o referido autor revela os efeitos destas

⁴⁶ Coleção de leis, decretos e regulamentos da Província, 11/07/1861, p.60.

⁴⁷ Coleção de leis, decretos e regulamentos da Província, 11/07/1861, p. 70.

⁴⁸ Pereira, op cit.

melhorias urbanas em alguns costumes. O que hoje é um simples elemento usual em qualquer cidade, naquele período o meio-fio representava a inovação, o progresso material. As funções desta construção eram as mesmas das atuais, ou seja, separar as ruas dos veículos do espaço para trânsito dos pedestres. Porém, em uma urbe onde o cavalo era deixado amarrado, até então, em qualquer lugar, essa divisão gerava a necessidade de regulamentações e novas instruções. Com o meio-fio, o lado marginal da via era destinado ao caminhar, ao passeio. A presença de equinos, por sua vez, certamente dificultaria os passeios, tornando-os descontínuos e tendo que rotineiramente cruzar pelas ruas das conduções movidas pelos próprios quadrúpedes. Logo, as medidas normativas se fizeram necessárias e consequentemente geravam o indispensável aprendizado das mesmas por parte da população.

Art. 29 Amarrar qualquer animal nas portas, janelas ou outro qualquer lugar, ou tê-lo parado sobre os passeios de modo que impeça o trânsito: pena de 2 a 4\$000. Art. 30 Galopar pelas ruas da cidade sem justificado motivo, ou andar a cavalo pelos passeios: pena de 2 a 4\$000⁴⁹.

Se as marginais e suas calçadas em construção eram o espaço do pedestre, as ruas ganhavam exclusividade para as carroças, animais e seus condutores, que além do cuidado sobre o local correto de deixar suas posses, deveriam ter maior atenção com prováveis caminhanças. Na mesma medida, os pedestres precisavam estar em alerta ao atravessar as vias, sendo a cautela e atenção algumas das atitudes importantes a serem compreendidas e executadas para as duas ações. Aqui se encontra uma metamorfose urbanista em dupla percepção. A busca pela legitimação da cidade como um ambiente moderno requer o planejamento e formulação de novas dinâmicas, na mesma medida em que tais dinâmicas ao emergirem, abrem espaço para novos usos e espaços da própria cidade, não raro resignificando o seu sentido. Dessa maneira, conforme a cidade vai se modelando e produzindo inéditas estruturas, justificadas pelo discurso de progresso, a emergência de novos costumes que precisam ser aprendidos e difundidos são colocados em evidência – e os cavalos e as corridas (e provavelmente outros divertimentos) participaram e explicitaram esse processo.

Nesta mesma direção de avançar da urbanidade e refinamento dos gestos para a vivência da e para a cidade, as corridas de cavalos começaram a passar pelos primeiros processos burocráticos que traziam regramentos

⁴⁹ Coleção de leis, decretos e regulamentos da província, 11/07/1861, p. 62.

próximos do que vinha sendo debatido nos jornais locais como fundamentais para a manutenção da prática. Em decreto, o político mineiro e bacharel em direito Antônio Barbosa Gomes Nogueira que, naquele momento (1861-1863) tinha como cargo a presidência da província do Paraná, instaurava uma série de normas para os páreos curitibanos. Os regramentos iam desde um detalhamento maior das licenças que já vinham sendo cobradas, até a implementação de um livro de talões com a assinatura daqueles que pagassem para realizar a dinâmica – contava, inclusive, com o nome dos cavalos que iriam correr e o local. Tudo isso era fiscalizado por um inspetor municipal, conforme relata os artigos do município abaixo:

Das carreiras, parelhas ou corrida de cavallos.

Art. 1º O divertimento conhecido pela denominação de carreiras, parelhas ou corrida de cavallos, só se poderá fazer no municipio, dentro da meia legua contada da casa do respectivo inspector de quarteirão, pagando-se á camara pela licença previamente concedida, a quantia de 10\$000.

Art. 2º A licença pode ser concedida pelos encarregados da camara, que devem existir em cada quarteirão, precedendo pagamento do sello. Estes encarregados terão cada um o seu livro de talão, fornecido pelo procurador da camara, por elle arrecadarem a referida quantia de licença, com renda da camara. Nos conhecimentos do tatão deve-se declarar quem são os que promovem ou emprehendem o divertimento, ministrando para elle os cavallos e o dia em que o divertimento ha de ter logar.

Art. 4º Os promotores ou emprehendedores do divertimento são obrigados a participar ao respectivo inspecto de quarteirão, mostrando-lhe a licença concedida pelo encarregado da camara, o dia, hora e logar em que o divertimento ha de realizar-se.

Art. 5º Os livros de talão devem estar numerados e rubricados pelo presidente da camara, e por eles prestarão contas á esta os encarregados da arrecadação dessa renda, devendo porem, fazer remessa, de tres em tres mezes, ao procurador da camara do que tiveram arrecadado, o qual lhes dará recibos com que tambem possam elles documentar suas contas.⁵⁰

Cerca de seis anos após o primeiro relato jornalístico, esse foi o primeiro conjunto de regras mais delimitado em torno das carreiras de cavalos paranaenses localizado nas fontes consultadas. Como se pode observar, todos os arranjos fiscais eram controlados pelo poder público que, basicamente,

⁵⁰ Dezenove de dezembro, 25/04/1863, p. 1.

passava a cobrar os impostos já comuns em torno da atividade. Entretanto, a partir desse momento, a regulamentação implementada era um pouco mais detalhada, pois exigia dos interessados em fomentar a prática uma licença que devia conter a hora e local exato da disputa, sendo o documento examinado por um inspetor do município. Esses termos facilitavam a localização e fiscalização dos ambientes e dos responsáveis pela promoção das corridas, caso as dinâmicas necessitassem de alguma intervenção.

As chamadas canchas retas, carreiras ou corridas de cavalos, se tratavam de disputas que basicamente tinham o intuito de visualizar quem possuía o cavalo mais rápido. Suas dinâmicas eram realizadas em uma pista retilínea de chão batido e normalmente disputadas por dois ou três animais. Segundo Kilpp, Mazo e Assmann⁵¹, ao explorar a prática no Rio Grande do Sul, as canchas retas riograndenses apresentavam metragens de 300, 400 ou 500 metros, sendo as peleias de menores distâncias as favoritas dos gaúchos. Esse tipo de formato, exibia uma *performance* mais nítida e exclusiva da aceleração do animal, visto que, em distâncias maiores o equino apresentaria cansaço e diminuição da velocidade. No caso paranaense, infelizmente nenhuma alusão a extensão das parelhas foi localizada, tampouco nessa primeira etapa das corridas conseguimos identificar com riqueza de detalhes quem eram os indivíduos que competiam, suas fontes de rendas, profissões ou quaisquer aspectos que os identificassem.

O que sabemos ao certo é que essas disputas eram formuladas verbalmente pelos proprietários dos cavalos, e às vezes transcritos por meio de anúncios nos impressos, com o intuito de, provavelmente, angariar público. Sendo assim, sem um espaço específico, tampouco regras concretas para a prática, foi como os páreos se estruturaram inicialmente na Curitiba do início da segunda parcela do século XIX. Vejamos um exemplo de acordos comumente estabelecidos em anúncio de uma possível disputa:

Deparei no n. 343 desta folha com um convitte do Sr. Pedro Ferreira Maciel para uma corrida dos nossos cavallos – Baio e Rosilho -, na freguesia de Palmeira, que rejeito, não por temer o triumpho do seu em qualquer lugar, mas por me não ser possível la ir, e ainda não convir as suas propostas.

Entretanto, se o Sr. Ferreira ainda crê que foi por algum accidente e não por superioridade que o Baio triumphou do seu cavallo,

⁵¹ KILPP, Cecília; MAZO, Janice; ASSMANN, Alice. *Kriegerverein: a constituição da Sociedade de Guerreiros e das primeiras associações esportivas de Teutônia/Estrela (1874-1950)*. Trabalho de Conclusão de Curso Especialização, Educação Física, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2008.

convido-lhe para um novo contracto, mediante as condições seguintes:

1º A raia será na circumvisinhança desta cidade, chão plano, tocando ao baio o lado direito.

2º O peso dos ginetes não será menor de 4 arrobas.

Com estas condições dá-se luz ao Rosilho.

Terminando: se o dono do Rosilho não tiver bastante confiança em seu cavallo, dá-se-lhe a faculdade de procurar outro qualquer para aqui vir correr com o meu, sem se exigir partido algum. Candido Machado d'Oliveira⁵².

A divulgação possibilita visualizarmos a ainda simplória organização e regulamentação das corridas de cavalos em Curitiba, quando comparada a outros centros urbanos brasileiros como Rio de Janeiro⁵³. Além disso, exemplifica os tratos verbais que, apesar de transparecer a escolha de certas regras e locais, não eram termos padronizados, e sim acordos dependentes da necessidade de cada peleia. Sobre os corredores (ginetes), esses não foram mencionados, característica que pode evidenciar um cenário onde a importância de quem guiava o animal ainda não ser reconhecida. Pelo relato é possível perceber que quem montava, ao menos nessa disputa, era relativamente franzino, seu peso era de quatro arrobas, cerca de 60 quilos. Certamente um peso corporal menor facilitava uma maior *performance* do cavalo.

Em relação aos sujeitos interessados em promover as disputas descritos na fonte acima, o senhor Candido Machado de Oliveira era membro de uma importante família política de Curitiba, sendo por vezes deputado pelo partido liberal. Já o Coronel Pedro Ferreira Maciel detinha influência no município de Palmeira, tendo posse de diversas fazendas e animais⁵⁴. O envolvimento de homens com trajetórias e influências políticas, e com prováveis capitais econômicos e sociais, pode evidenciar aspectos para além da expectativa proporcionada pelo apreço em ver a velocidade do animal. Estes sujeitos normalmente eram os proprietários dos cavalos, e possivelmente buscavam nestas disputas o prestígio e reconhecimento por parte das pessoas ali presentes – visto que o fato de serem o dono de um rápido equino vencedor, poderia

⁵² Dezenove de dezembro, 07/01/1863, p. 4.

⁵³ Para maiores detalhes sobre as experiências com corridas de cavalos na capital do país ler MELO, Victor Andrade. Uma diversão civilizada para um bairro moderno: o hipódromo de Vila Isabel (Rio de Janeiro; 1884-1890). *Locus: Revista de História*, v. 28, n. 1, 2022.

⁵⁴ GOULART, Monica Helena Harrich Silva. Classe dominante e jogo político na Assembleia Legislativa do Paraná (1889-1930). *Revista NEP-Núcleo de Estudos Paranaenses da UFPR*, v. 1, n. 1, 2015.

lhes dar um certo capital simbólico⁵⁵, além de tornar os seus animais ainda mais valiosos economicamente.

Em 1866, um breve anúncio chama atenção, tendo como título Prado Curytibano:

PRADO CURYTIBANO.

Domingo 25 do corrente deverá ter lugar pela 1ª vez, no lugar denominado Balthazar, depois das assentadas do estylo, a corrida de quatro cavallos, para o que se convida aos amadores deste divertimento afim de ali se acharem. O Paissandú⁵⁶.

A notícia se refere a primeira menção localizada nos jornais sobre um provável prado em Curitiba, que aparentava ser um espaço específico para as práticas equestres. Contudo, o lugar denominado Balthazar sequer continuou sendo noticiado, tampouco o sujeito que assinou a informação como Paissandú prosseguiu realizando relatos nos folhetins. Nessa esteira, as dinâmicas seguiram sendo efetuadas sem uma infraestrutura própria, com leves regulamentações formuladas a partir de acordos verbais e alguns simples decretos ligados a cobrança de impostos. Existiam, ainda, as fiscalizações das localidades onde as disputas ocorriam que, apesar do envolvimento de alguns sujeitos com carreiras públicas, contavam com a frequência de indivíduos com comportamentos ríspidos – que não raro causavam confusões em torno dos eventos.⁵⁷

Nessa linha, há que se considerar que os processos de cobranças e punições apenas financeiras estipuladas e fiscalizadas pela câmara municipal não eram suficientes para organizar as corridas de cavalos em Curitiba e conduzir as mesmas nos trilhos do que era avistado nos grandes centros urbanos do período. Esse propósito, inclusive, foi evidenciado pelo chefe da guarda policial Bento Fernandes de Barros:

- Um dos objetos de policia municipal, que muito entendem com a policia preventiva, e acerca do qual as posturas dessa camara não estabelecem providencias suficientes, é o da corrida de cavallos, facto que é frequente neste e noutros municipios do

⁵⁵ Pereira, Mazo e Lyra, ao estudarem as canchas retas no Rio Grande do Sul, também notam a presença de sujeitos com posses nestes eventos, e igualmente visualizam uma provável relação de ganho de *status* social e econômico para aqueles que fossem proprietários de cavalos vencedores. MAZO, Janice Zarpellon; LYRA, Vanessa Bellani. Corridas de cavalo em cancha reta em Porto Alegre (1852/1877): uma prática cultural-esportiva sul-rio-grandense. *Journal of Physical Education*, v. 21, n. 4, 2010, p. 655-666.

⁵⁶ Dezenove de dezembro, 21/02/1866, p.4.

⁵⁷ Ver, Dezenove de Dezembro, 15/02/1868, p. 1.

interior da província, e que não poucas vezes tem sido a ocasião de graves delictos. Nesta disposição só se considera o objecto pelo lado economico, isto é, em relação ao imposto, mas deixa-se de considerá-lo pelo lado policial, como é necessário⁵⁸.

Nas visões do chefe de polícia, uma coerção maior em relação à realização das corridas era extremamente necessária. Neste sentido, uma medida vista pela polícia para facilitar o controle das corridas, era que as mesmas não pudessem ser realizadas em uma distância maior que meia légua (cerca de 2,5 km) da cidade⁵⁹, podendo, dessa forma, chegar a tempo de realizar punições mais severas aos infratores.

Além disso, para o vigilante, um dos principais problemas deste divertimento era a forte presença de homens do campo, sujeitos que não tinham sido educados segundo os preceitos urbanos – trazendo ao passatempo gestos grosseiros e, não raros, atos violentos. Esses indivíduos ainda tinham traços que não se enquadravam nos comportamentos esperados durante a cena pública, característica que, em um segundo momento do relato do chefe de polícia, ficam ainda mais evidentes:

E' sabido que nos logares onde se dão as corridas de cavallos agglomera-se numero consideravel de pessoas, entre as quaes avultam os homens ainda pouco civilizados, que se occupam nos serviços do campo e da lavoura.

E' igualmente sabido que nessas reuniões surgem ordinariamente divergencias entre os corredores ou os donos dos cavallos, que figuram no pareo, tomando os circumstantes parte nas corridas por meio de apostas e exaltando se muito delles pelas suas idéas e costumes grosseiros a ponto de darem ao divertimento o character de perigosa contenda, e que não poucas vezes tem sanguinolento desfecho⁶⁰.

Observa-se que o problema das corridas de cavalos não era apenas estrutural ou fiscal. Existiam sujeitos que não partilhavam dos modos de vida pensados para as relações na cidade, mas que ainda assim tinham estima pela prática e gostavam de se fazer presente nesses ambientes. Apesar de alguns debates e medidas serem desenvolvidas com intuito de aprimorar os gestos

⁵⁸ Dezenove de dezembro, 30/09/1871, p.2.

⁵⁹ Ver, Dezenove de Dezembro, 30/09/1871, p. 2.

⁶⁰ Dezenove de Dezembro, 30/09/1871, p. 2.

do cavalgar e tratar o animal – ou até mesmo banalizar e fiscalizar a presença do equino em alguns espaços da urbe, visto que a sua presença não era mais apropriada diante de alguns locais da malha urbana que se conformava –, ao que parece ainda eram pouco efetivos esses processos implementados, assim como insuficientemente detalhados os comportamentos tolerados durante esta cena recreativa em específico.

Não se visualizava, até esse momento, a maioria das medidas discutidas nos jornais como úteis para a manutenção da dinâmica. É certo que se esperava do sujeito que gostava de frequentar este espaço um comportamento controlado – atributo esperado em toda a esfera urbana –, bem como a melhoria da raça cavalgar. Entretanto, a ausência de uma estrutura específica, taxas para entrada nas corridas, juízes para cada etapa da competição e detalhamento dos comportamentos esperados nesses ambientes, eram empecilhos para que as corridas se aproximassem da forma como eram praticadas em locais que a adesão dessas características estava avançada.

Na verdade, o despreparo das corridas parece ser reflexo de uma cidade que estava se organizando dentro das dinâmicas da vida urbana. Curitiba, no recorte em tela, iniciava seus primeiros anos de capitalidade, bem como os elementares processos de sua urbanização. Todavia, permanecia com fortes traços do rural. Basta pensarmos a aguda influência do mundo agrícola no fortalecimento da vida econômica, social, demográfica e cultural da cidade, a ponto da maior parte da sua população se ocupar de cargos e tarefas agrárias.

Nesse conjunto, as corridas de cavalos eram boas expressões desse hibridismo entre as características do urbano e rural da capital paranaense. Na mesma medida que o cavalo era símbolo agrícola, também era o principal e mais avançado meio de deslocamento. As corridas com os equinos, ao mesmo tempo que apresentavam o lado campestre e rústico, também figuravam a perspectiva de um avanço estrutural e gestual tão desejados pela urbe em construção. Dessa forma, assim como a cidade, o entretenimento equestre precisava aderir mais delineados modernizadores, uma relação que seria implementada conjuntamente com a prosperidade econômica da erva-mate nos anos 1870, possibilitando uma melhor conformação da malha urbana de Curitiba, onde novos atores, estruturas sociais e comportamentos se estabeleceriam. Dentre estes, uma entidade que elevaria as corridas de cavalos a patamares próximos aos debatidos como fundamentais para a sua utilidade urbana. Um Jockey Clube seria construído em 1873 e começaria a dinamizar

novas cenas das corridas de cavalos e dos discursos de urbanização almejado para a cidade.

À guisa de considerações finais

O percurso até aqui desenvolvido nos mostra um cenário em transformação. Na segunda metade do século XIX, Curitiba, impulsionada pelo cultivo do mate, experimentava um processo de transição de aspectos rurais para urbanos. Paralelamente, as corridas de cavalos, divertimento comum na época, manifestava também essas novas mudanças e necessidades. Neste sentido, os debates a respeito das dinâmicas equestres – sobre seu lado rústico e incivilizado, e sua face com potencial caso realizado dentro de determinados parâmetros – ocorriam simultaneamente a uma série de outras discussões que almejavam o progresso da cidade e o refinamento dos costumes de sua população, incluindo os divertimentos em geral nesse meio.

Sendo assim, evidenciar questões sobre as experiências das corridas de cavalos em Curitiba no recorte em tela nos possibilita captar momentos do início da estruturação da urbe. Marcada por modos de vida, uma economia e aspectos demográficos estreitamente vinculados ao campo. Nesse contexto, a capital paranaense vivenciava um hibridismo de características rurais e urbanas, algo que se estendia inclusive para um dos principais divertimentos do período. De fato, as corridas de cavalos mobilizavam símbolos do mundo rural, contudo, também ofereciam potencial de espetáculos que bem se ajustavam a vida em cidade.

Em meio a críticas contundentes em torno de discursos ligados a incivilidade das corridas de cavalos, parece ter funcionado a operação discursiva que, em contra ponto, as apresentava como manifestações com um potencial progressista de dupla ordem: podiam promover a emergências de novos espaços já avistados em cidades cujas ideias de urbanização melhor se estruturavam. Nesse caso especialmente o fortalecimento de um comércio haras e da construção de jockeys e hipódromos – espaços e agremiações usuais da institucionalização e burocratização da prática. E também poderiam efetivar o comparecimento de novos comportamentos públicos julgados mais acertados em uma lógica urbana, que prezava por atitudes polidas, gestos cortes e, portanto, mais civilizados.

Por fim, percebemos que o tema se apresentou como de grande valia para lançarmos novos olhares sobre o cotidiano das urbes. As corridas de cavalos e outros momentos de diversão são parte da experiência urbana,

posto isso, são mais uma particularidade das cidades que vale descortinar pelas lentes da história.

Fontes

AVÉ-LALLEMANT, Robert. Viagens pelas províncias de Santa Catarina. Paraná e São Paulo, 1858.

COLEÇÃO DE LEIS, DECRETOS E REGULAMENTOS DA PROVÍNCIA, Curitiba, 18/04/1854, p. 11,

COLEÇÃO DE LEIS, DECRETOS E REGULAMENTOS DA PROVÍNCIA, Curitiba, 22/04/1856, p. 17.

COLEÇÃO DE LEIS, DECRETOS E REGULAMENTOS DA PROVÍNCIA, Curitiba, 17/03/1858, p. 18-19.

COLEÇÃO DE LEIS, DECRETOS E REGULAMENTOS DA PROVÍNCIA, Curitiba, 11/07/1861, p. 60.

COLEÇÃO DE LEIS, DECRETOS E REGULAMENTOS DA PROVÍNCIA, Curitiba, 11/07/1861, p. 62.

COLEÇÃO DE LEIS, DECRETOS E REGULAMENTOS DA PROVÍNCIA, Curitiba, 11/07/1861, p. 70.

DEZENOVE DE DEZEMBRO, Curitiba, 01/04/1854, p. 1.

DEZENOVE DE DEZEMBRO, Curitiba, 29/04/1854, p. 3-4.

DEZENOVE DE DEZEMBRO, Curitiba, 11/11/1854, p. 1.

DEZENOVE DE DEZEMBRO, Curitiba, 22/04/1855, p. 1.

DEZENOVE DE DEZEMBRO, Curitiba, 06/01/1855, p. 1-2.

DEZENOVE DE DEZEMBRO, Curitiba, 18/06/1856, p. 1-2.

DEZENOVE DE DEZEMBRO, Curitiba, 25/06/1856, p. 1-2.

DEZENOVE DE DEZEMBRO, Curitiba, 01/04/1857, p. 4.

DEZENOVE DE DEZEMBRO, Curitiba, 28/11/1857, p. 3.

DEZENOVE DE DEZEMBRO, Curitiba, 14/07/1858, p. 4.

DEZENOVE DE DEZEMBRO, Curitiba, 07/04/1858, p. 1.

DEZENOVE DE DEZEMBRO, Curitiba, 07/01/1863, p. 4.

DEZENOVE DE DEZEMBRO, Curitiba, 25/04/1863, p. 1.

DEZENOVE DE DEZEMBRO, Curitiba, 21/02/1866, p. 4.

DEZENOVE DE DEZEMBRO, Curitiba, 15/02/1868, p. 1.

DEZENOVE DE DEZEMBRO, Curitiba, 30/09/1871, p. 2.

GÓES E VASCONCELOS, Zacarias. Relatório. Presidente da Província do Paraná. Curitiba, 1854, p. 145.

AZEVEDO, André Nunes de. As noções de progresso do Império à República: transformações recônditas em uma mesma terminologia. Outros Tempos: Pesquisa em Foco-História, v. 13, n. 22, 2016, p. 69-88. Disponível em: https://www.outrostempos.uema.br/index.php/outros_tempos_uema/article/view/539. Acesso em: 14 mar. 2023. Doi: <https://doi.org/10.18817/ot.v13i22.539>

BAHLS, Aparecida Vaz da Silva. O verde na metrópole: a evolução das praças e jardins em Curitiba (1885-1916). Dissertação de mestrado, História, Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Paraná, 1998.

CARDOSO, Jayme Antonio. A população votante de Curitiba (1853-1881). Dissertação de mestrado, História, Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Paraná, 1974.

CARNEIRO, Newton Issac da Silva. A arte paranaense antes de Andersen. Boletim Informativo da Casa Romário Martins. Curitiba, ano VII, nº 43, 1980, p. 11.

CAPRARO, André Mendes. Foot-ball, uma prática elitista e civilizadora: investigando o ambiente social e esportivo paranaense do início do século XX. Dissertação de mestrado, História, Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Paraná, 2002.

CORRÊA, Amélia Siegel. Imprensa política e pensamento republicano no Paraná no final do XIX. Revista de Sociologia e Política, v. 17, n. 32, 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rsocp/a/CNpXWVv4gFynSFpfg8CtGf/?lang=pt>. Acesso em: 14 mar. 2023. Doi: <https://doi.org/10.1590/S0104-44782009000100009>

DEL PRIORE, Mary. Jogos de cavalheiros”: as atividades físicas antes da chegada do esporte. História do esporte no Brasil: do império aos dias atuais. São Paulo: UNESP, 2009.

DIAS, Cleber. Depois da Avenida Central: cultura, lazer e esportes nos sertões do Brasil. 1. ed. Rio de Janeiro: Jaguatirica, 2020.

GOIS JÚNIOR, Eivaldo. O esporte e a modernidade em São Paulo: práticas corporais no fim do século XIX e início do XX. *Movimento*, v. 19, n. 4, 2013, p. 95-117. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/37530> . Acesso em: 14 mar. 2023. Doi: <https://doi.org/10.22456/1982-8918.37530>

KARLS, Cleber Eduardo. Modernidades sortidas: o esporte oitocentista em Porto Alegre e no Rio de Janeiro. Tese de doutorado, História Comparada, Instituto de História, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2017.

KILPP, Cecília; MAZO, Janice; ASSMANN, Alice. Kriegerverein: a constituição da Sociedade de Guerreiros e das primeiras associações esportivas de Teutônia/ Estrela (1874-1950). Trabalho de Conclusão de Curso Especialização, Educação Física, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2008.

LE GOFF, Jacques. Documento/monumento. In. LE GOFF, J. História e memória. 5. ed. Campinas: ed. UNICAMP, 2003.

LOPES, Luís Fernando Lopes. O espetáculo dos maquinismos modernos: Curitiba na virada do século XIX ao XX. Tese de doutorado, Programa de pós-graduação em História, Universidade de São Paulo, 2002.

MARTINS, Romário. História do Paraná. Prefeitura Municipal de Curitiba, 1995 [1937].

MAZO, Janice Zarpellon; LYRA, Vanessa Bellani. Corridas de cavalo em cancha reta em Porto Alegre (1852/1877): uma prática cultural-esportiva sul-rio-grandense. *Journal of Physical Education*, v. 21, n. 4, 2010, p. 655-666.

MELO, Victor Andrade de. Cidade “sportiva”: primórdios do esporte no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Relume-Dumará/Faperj, 2001.

MELO, Victor Andrade. Uma diversão civilizada para um bairro moderno: o hipódromo de Vila Isabel (Rio de Janeiro; 1884-1890). *Locus: Revista de História*, v. 28, n. 1, 2022, p. 296-322. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/locus/article/view/33588>. Acesso em: 14 mar. 2023. Doi: <https://doi.org/10.34019/2594-8296.2022.v28.33588>

MIRANDA, Beatriz. Aspectos demográficos de uma cidade paranaense no século XIX, Curitiba 1851-1880. Dissertação de mestrado, História, Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Paraná, 1978.

MOLINA, Ana Heloisa. “Temos um Passeio Público, digno desta adiantada capital”: espaços de sociabilidades em registros fotográficos do acervo do Museu Paranaense. Curitiba. 1913-1930. História (São Paulo), v. 39, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/his/a/zNNhRDZzqHvjhYQRwZ3F5nH/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 14 mar. 2023. Doi: <https://doi.org/10.1590/1980-4369e2020013>

MONTENEGRO, Nara Romero; SOARES, Carmen Lúcia. Corridas de cavalos em Campinas: das ruas e dos quilombos ao hipódromo (1870-1898). Pensar a Prática, v. 21, n. 2, 2018. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/fe/article/view/47361>. Acesso em: 14 mar. 2023. Doi: <https://doi.org/10.5216/rpp.v21i2.47361>

MORAES E SILVA, Marcelo Moraes. Novos modos de olhar outras maneiras de se comportar: a emergência do dispositivo esportivo da cidade de Curitiba (1899-1918). Tese de doutorado, Educação, Universidade Estadual de Campinas, 2011.

PEREIRA, Ester Liberato; BATAGLION, Giandra Anceski. Across racecourses meadows of Pelotas-RS: southern horse racing in the transition from the 19th and 20th centuries. 2021.

PEREIRA, Ester Liberato; MAZO, Janice Zarpellon; LYRA, Vanessa Bellani. Corridas de cavalo em cancha reta em Porto Alegre (1852/1877): uma prática cultural-esportiva sul-rio-grandense. Journal of Physical Education, v. 21, n. 4, 2010, p. 655-666.

PEREIRA, Magnus Roberto de Mello. Semeando iras rumo ao progresso. Curitiba: UFPR, 1996, p. 133-134.

PEREIRA, Magnus Roberto de Mello. O centauro desfeito. A desconstrução da cultura gaúcha no Paraná do século XIX. Jahrbuch für Geschichte Lateinamerikas–Anuario de Historia de America Latina, v. 36, n. 1, 1999, p. 197-218.

PEZZOLE, Dino Ricardo. Jornal Dezenove de Dezembro. Monografia, Graduação em Design, Universidade Tuiuti do Parana, 2006.

RODRIGUES, João Freire. O rural e o urbano no Brasil: uma proposta de metodologia de classificação dos municípios. Análise Social, v. 49, n. 211, 2014.

ROCHA, Fernando Goulart; PIZZOLATTI, Roland Luiz. “Cidade: espaço de descontinuidades”. Estudos Geográficos, 2005, p. 46-53.

ROCHA JUNIOR, Coriolano Pereira; ESPÍRITO SANTO, Fernando Reis do. Futebol em Salvador: o início de uma história (1899-1920). Movimento, v. 17, n. 3, 2011, p. 79-95.

SANTOS, Carlos Roberto Antunes. Vida material e econômica. Curitiba: SEED, 2001, p.96.

SÊGA, Rafael Augustus. Maragatos dos Campos Gerais: razões que levam alguns setores da sociedade paranaense a aderir à Revolução Federalista. Revista Tecnologia e Humanismo, v. 15, n. 20, 2001, p. 71-80.

SETTE, Mário. Arruar, história pitoresca do Recife antigo. Governo do Estado de Pernambuco, Secretaria de Educação e Cultura, 1978.

ZATTI, Carlos. O Paraná e o Paranismo. Clube de Autores, Curitiba, 2010.

Artigo recebido para publicação em 07/04/2023

Artigo aprovado para publicação em 21/07/2023